



Histórias de amor

*Este livro apresenta os mesmos textos
literários das edições anteriores.*

Histórias de amor

*Lygia Fagundes Telles • Marques Rebelo • Marina Colasanti
Machado de Assis • O. Henry • Luís Fernando Veríssimo
João do Rio • Elias José • Orlando Bastos • João Antônio
William Shakespeare*

Seleção e organização de textos
José Paulo Paes

Ilustrações
Carlo Giovani

Histórias de amor

Elias José © by herdeiros; João Antônio © by herdeiros; © Luís Fernando Veríssimo;
© Lygia Fagundes Telles; © Marina Colasanti; Marques Rebelo © José Maria Dias da
Cruz e Maria Cecília Dias da Cruz; Orlando Bastos © by herdeiros, 2012

Gerente editorial Claudia Morales
Editor Fabricio Waltrick
Editora assistente Malu Rangel
Diagramadora Thatiana Kalaes
Coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
Revisoras Alessandra Miranda de Sá, Ana Luiza Couto
Projeto gráfico Mariana Newlands
Coordenadora de arte Soraia Scarpa
Editoração eletrônica Ludo Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H58
7.ed.

Histórias de amor / Lygia Fagundes Telles ... [et al.] ;
[ilustração Carlo Giovani ; tradução Luciano Machado].
- 7.ed. - São Paulo : Ática, 2012.
152p. : il. ; - (Para Gostar de Ler)

Contém suplemento de leitura
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-08-15458-6

1. Histórias de amor. 2. Antologias (Conto). I. Telles,
Lygia Fagundes, 1923-. II. Giovani, Carlo. III. Machado,
Luciano. IV. Série.

11-6789. CDD: 808.83
CDU: 82-3(082)

ISBN 978 85 08 15458-6 (aluno)

CL: 738212
CAE: 268207 AL

2019
7ª edição
3ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 2012
Av. das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br
www.coletivolector.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

APRESENTAÇÃO

Uma viagem pelos caminhos do amor, 7

LYGIA FAGUNDES TELLES

Pomba enamorada ou uma história de amor, 13

MARQUES REBELO

Stela me abriu a porta, 25

MARINA COLASANTI

A moça tecelã, 37

MACHADO DE ASSIS

Fernando e Fernanda, 43

O. HENRY

Mamon e o arqueiro, 67

LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO

Uma surpresa para Daphne, 81

JOÃO DO RIO

A parada da ilusão, 87

ELIAS JOSÉ

O bilhete do amor, 101

ORLANDO BASTOS

Os amantes, 105

JOÃO ANTÔNIO

Fujie, 119

WILLIAM SHAKESPEARE

Sonho de uma noite de verão, 129

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 145

UMA VIAGEM PELOS CAMINHOS DO AMOR

Histórias de amor. Mas de qual amor? Há tantos! Amor carnal, amor platônico, amor conjugal, amor adúltero, amor a distância, amor à primeira vista, amor de perdição, amor de salvação — e quantos mais? Por si só, essa multiplicidade de designações mostra estarmos diante de um sentimento complexo, contraditório, que não se deixa prender numa definição.

Para explicar a força irresistível da atração amorosa, o filósofo grego Platão imaginou o mito do andrógino, um ser a um só tempo masculino e feminino. Esse ser uno teria existido no começo do mundo, mas um dia dividira-se em dois seres distintos, o homem e a mulher. E a paixão que desde então vem compelindo homens e mulheres a se unir entre si não seria outra coisa senão o anseio de restaurar a perdida unidade de sua origem, de reencontrar a sua outra metade. A expressão “minha cara-metade”, às vezes usada como sinônimo de esposa, como que dá testemunho disso.

Muitos séculos depois de Platão, outro filósofo menos imaginoso, o alemão Schopenhauer, viu no instinto de preservação da espécie o motor do sentimento amoroso. Se um homem se apaixona por uma mulher, e ela por ele, é porque a geração futura que deles irá nascer os impele inconscientemente a se unir.

O defeito das explicações filosóficas é serem lógicas demais e os apaixonados sabem muito bem que o amor não tem lógica. Ou se alguma tiver, só pode ser a lógica da contradição, que os poetas conhecem melhor do que ninguém. Um deles, Luís de Camões, assim definiu as contradições do amor: “Amor é fogo que arde sem se ver; é ferida que dói e não se sente; é um contentamento descontente; é dor que desatina sem doer; é um não querer mais que bem querer; é solitário andar por entre a gente; é nunca contentar-se de contente; é cuidar que se ganha em se perder”.

À poesia compete destilar ou concentrar em versos a fragrância, a indefinível essência do amor. Mas é a prosa do romance ou do conto que se detém a descrever os caprichosos caminhos e descaminhos da paixão. Nas histórias reunidas neste volume, guiados pela imaginação de autores brasileiros e estrangeiros, vocês vão percorrer alguns deles. Que podem ir — para citar só três exemplos — desde as divertidas confusões de identidade do “Sonho de uma noite de verão” de Shakespeare, passando pela nostalgia dos tempos idos evocada por Orlando Bastos em “Os amantes”, até o sentimento de culpa retratado por João Antônio em “Fujie”.

Que essa viagem sirva, não digo para protegê-los(as) — “contra o amor não existe guarda-chuva”, poder-se-ia dizer parodiando João Cabral de Melo Neto —, mas para adverti-los(as) dos inevitáveis perigos e das deliciosas recompensas que estão à espera dos que, na vida real, percorrem, com seus próprios pés e com seus próprios corações, caminhos ou descaminhos semelhantes.

Semelhantes, talvez; idênticos, nunca. Pois cada amor é sempre um amor como nunca houve outro igual.

JOSÉ PAULO PAES

Poeta, tradutor e editor, José Paulo Paes foi um dos mais importantes intelectuais brasileiros. Nasceu em 1926, em Taquaritinga (SP), e faleceu em 1998, em São Paulo.

**Lygia Fagundes
Telles**

Pomba enamorada ou uma história de amor

Lygia Fagundes Telles

Encontrou-o pela primeira vez quando foi coroada princesa no Baile da Primavera e assim que o coração deu aquele tranco e o olho ficou cheio d'água, pensou: acho que vou amar ele pra sempre. Ao ser tirada, teve uma tontura, enxugou depressa as mãos molhadas de suor no corpete do vestido (fingindo que alisava alguma prega) e de pernas bambas abriu-lhe os braços e o sorriso meio de lado para esconder a falha do canino esquerdo que prometeu a si mesma arrumar no dentista do Rôni, o Doutor Élcio, isso se subisse de ajudante pra cabeleireira. Ele disse apenas meia dúzia de palavras, tais como, você é que devia ser a rainha porque a rainha é uma bela bosta, com o perdão da palavra. Ao que ela respondeu que o namorado da rainha tinha comprado todos os votos, infelizmente não tinha namorado e mesmo que tivesse não ia adiantar nada porque só conseguia coisas a custo de muito sacrifício, era do signo de Capricórnio e os desse signo têm que lutar o dobro pra vencer. Não acredito nessas babaquices, ele disse e pediu licença pra fumar lá fora, já estavam dançando o bis da *Valsa*

dos miosótis e estava quente pra danar. Ela deu a licença. Antes não desse, diria depois à rainha enquanto voltavam pra casa, isso porque depois dessa licença, não conseguiu mais botar os olhos nele embora o procurasse por todo o salão e com tal empenho que o diretor do clube veio lhe perguntar o que tinha perdido. Meu namorado, ela disse rindo, quando ficava nervosa, ria sem motivo. Mas o Antenor é seu namorado? estranhou o diretor apertando-a com força enquanto dançavam *Nosotros*. É que ele saiu logo depois da valsa todo atacadado com uma escurinha de frente única, informou com ar distraído. Um cara legal mas que não esquentava o rabo em nenhum emprego, no começo do ano era motorista de ônibus, mês passado era borracheiro numa oficina da Praça Marechal Deodoro mas agora estava numa loja de acessórios na Guaianazes quase esquina da General Osório, não sabia o número mas era fácil de achar. Não foi fácil assim, ela pensou quando o encontrou no fundo da oficina polindo uma peça. Não a reconheceu, em que podia servi-la? Ela começou a rir, mas eu sou a princesa do São Paulo Chique, lembra? Ele lembrou enquanto sacudia a cabeça, impressionado, mas ninguém tem este endereço, porra, como é que você conseguiu? E levou-a até a porta: tinha um monte assim de serviço, andava sem tempo pra se coçar mas agradecia a visita, deixasse o telefone, tinha aí um lápis? Não fazia mal, guardava qualquer número, numa hora dessas dava uma ligada, tá? Não deu. Ela foi à Igreja dos Enforcados, acendeu sete velas pras almas mais aflitas e começou a Novena Milagrosa em louvor de Santo Antônio, isso depois de telefonar várias vezes só pra ouvir a voz dele. No primeiro sábado em que o horóscopo anunciou um dia maravilhoso para os nativos de Capricórnio aproveitando a ausência da dona do salão de beleza que saíra para pentear uma noiva, telefonou de novo e dessa vez falou mas tão baixinho que ele precisou gritar, falasse mais alto, merda, não estava escutando nada. Ela então se assustou com o grito

e colocou o fone no gancho, delicadamente. Só se animou com a dose de vermute que o Rôni foi buscar na esquina e então tentou novamente justo na hora em que houve uma batida na rua e todo mundo foi espiar na janela. Disse que era a princesa do baile, riu quando negou ter ligado outras vezes e convidou-o pra ver um filme nacional muito interessante que estava passando ali mesmo, perto da oficina dele, na São João. O silêncio do outro lado foi tão profundo que o Rôni deu-lhe depressa uma segunda dose, beba, meu bem, que você está quase desmaiando. Acho que caiu a linha, ela sussurrou, apoiando-se na mesa, meio tonta. Senta, meu bem, deixa eu ligar pra você, ele se ofereceu bebendo o resto do vermute e falando com a boca quase colada ao fone: aqui é o Rôni, coleguinha da princesa, você sabe, ela não está nada brilhante e por isso eu vim falar no lugar dela, nada de grave, graças a Deus, mas a pobre está tão ansiosa por uma resposta, lógico. Em voz baixa, amarrada (assim do tipo de voz dos mafiosos do cinema, a gente sente uma coisa, diria o Rôni mais tarde, revirando os olhos) ele pediu calmamente que não telefonassem mais pra oficina porque o patrão estava puto da vida e além disso (a voz foi engrossando) não podia namorar com ninguém, estava comprometido, se um dia me der na telha, EU MESMO TELEFONO, certo? Ela que espere, porra. Esperou. Nesses dias de expectativa, escreveu-lhe catorze cartas, nove sob inspiração romântica e as demais calcadas no livro *Correspondência erótica*, de Glenda Edwin, que o Rôni lhe emprestou. Com recomendações, porque agora, querida, a barra é o sexo, se ele (que voz maravilhosa!) é Touro, você tem que dar logo, os de Touro falam muito na lua, nos barquinhos mas gostam mesmo é de trepar. Assinou Pomba Enamorada mas na hora de mandar as cartas, rasgou as eróticas, foram só as outras. Ainda durante esse período, começou pra ele um suéter de tricô verde, linha dupla (o calor do inferno, mas nesta cidade, nunca se sabe) e duas vezes pediu ao Rôni